



## COMO FUNCIONA

A.A. continua a crescer em números fenomenais. Uma miríade de irmandades de 12-Passo tem surgido paralelamente, copiando a Irmandade original.

Entretanto, estará esta expansão rápida da irmandade de “auto-ajuda” levando adiante a mensagem original? A intenção original era de “auto-ajuda”? Ou era de “ajuda Divina”?

Recebi de um companheiro do Rio esta mensagem da autoria de um membro da “velha guarda” do AA nos EUA, o conhecido “Corky” de Tulsa, Oklahoma.

Como se verá do texto, por lá também há um crescente questionamento do caminho que nossa Irmandade está tomando pois a falta de novos membros, está preocupante.

Situação que nós temos percebido de modo agudo tanto no A.A. presencial com o fechamento constante de grupos até tradicionais por falta de membros, especialmente por falta de NOVOS membros, e até nas fileiras dos grupos que atuam na Internet.

Tenho minhas idéias das diversas razões desse esvaziamento, mas achei mais conveniente recorrer a uma tradução deste artigo para que meditemos, pois ele é bastante eloqüente e objetivo, mais do que eu mesmo poderia provavelmente ser.

Ponderemos com o amor e a gratidão que nós dizemos ter, e principalmente, pensemos em como podemos buscar soluções para isso. Se é que, realmente, como proclamamos, não sabemos mais viver sem uma sala de A.A.? É também um teste à nossa sinceridade e comprometimento com o programa que dizemos nos salva.

O que dizer da taxa de recuperação original, tal como foi verificado no começo? O que aconteceu com a “Irmandade”, para não dizer, com o “Apadrinhamento”?

Tem se dito que no começo de A.A., só havia “bêbados de fundo de poço”. “Aqueles que tinham necessidade desesperada de uma recuperação, pois haviam perdido já praticamente tudo, todos os bens e valores materiais e espirituais. No A.A. de hoje, há muitos que chegam às salas de A.A. que virtualmente nada perderam ainda. Será?

A maioria dos entendidos no campo da recuperação concorda que a primeira coisa que um alcoólatra ou um adicto perde é a espiritualidade. E que a vida espiritual é a última parte da nossa vida a retornar.

Alcoólatras que chegam ao A.A. hoje vem de condições econômicas e sociais variadas. Há muitos que chegam ao A.A. forçados pelos tribunais e pelos centros de tratamento. Deles se exigem no mínimo 90 reuniões em 90 dias.

Em nenhum lugar da literatura de A.A. há texto que fale de coisa como essa de “90 em 90”. Este conceito foi criado pelo campo de centros de tratamento. Muitos dos que chegam em A.A. não são nem podem ser classificados como alcoólatras. Clarence sempre disse que “Todo alcoólico é um bêbado, mas nem todo bêbado é um alcoólatra.”

Dependia do candidato a membro e de seu padrinho determinar se o candidato era de fato um alcoólatra, ou apenas alguém que bebia demais.

Talvez nós até saibamos de onde o A.A. veio, de sua história e experiência. Sabemos inclusive onde tem estado, através de sua literatura, e através dos registros existentes nos organismos locais, estaduais e nacionais. Entretanto, saberemos para onde está indo? O que o futuro reserva para este movimento, nascido do desespero de dois homens, que se encontraram no Dia das Mães (nos EUA) na cidade de Akron, Ohio.

De muitas maneiras, espera-se que o A.A. se torne muitas coisas para todas as pessoas. E em seu esforço para atender a todos, pessoas com idéias intensamente divergentes, terá sua intenção original se diluído? Será que se diluiu sua mensagem de esperança, cura e recuperação?

Muitos dos demais antigos membros de A.A. nem freqüentam mais reuniões. O autor (Corky) falou com algumas dezenas deles. Eles todos mostraram estarem desgostosos e desiludidos com a proliferação de histórias de adicção, a discussão de co-dependências, dos relatos de famílias desequilibradas, e com o linguajar de justificativas psico-ilógicas que se ouvem hoje nas reuniões.

Estes “antigões” estão cansados de ouvir participantes discutirem sobre a adequação de seus conselheiros profissionais e seus terapeutas. A tergiversarem sobre os conselhos dos seus “padrinhos de relacionamentos” e sobre suas “crianças interiores”. Os antigões querem ouvir mesmo é falar de abordagem, apadrinhamento, recuperação e sobre a esperança por uma solução permanente para o problema de cada um com o álcool. Muitos membros antigos, pessoas que cada vez mais raramente se encontram nas reuniões de A.A., se “aposentaram” deste “programa novo”. Onde será que eles foram?

Parece que existe um movimento crescente no A.A. desde a década dos 1990. Surgiram o que passou a ser conhecido como “reuniões subterrâneas”. E surgiram por todo o país. Existem em New York, em Denver, na Califórnia, em Boston, Wisconsin e na Florida, para mencionar apenas algumas áreas. E só estamos mencionando aquelas que tem sido comentadas e discutidas. Muitas outras existem, mas somente seus membros ou aqueles que se dispõem a falar a respeito, sabem de suas existências.

Essas “reuniões subterrâneas” não são divulgadas; e só se participa delas por convite. Temos que ser “apadrinhados” para ingressar nelas, de maneira muito parecida como tínhamos que ser “apadrinhados” no começo de A.A. Estas reuniões só são abertas para os alcoólatras e suas famílias.

As partilhas que ouvimos nestas reuniões se relaciona somente com a recuperação do alcoolismo. Os oradores falam da solução e não do problema. “Histórias das batalhas da ativa” raramente são ouvidas nestas reuniões. Os oradores contam como começaram a se recuperar e como estão se esforçando por se manter no caminho da recuperação. Os membros falam aos novos que chegam com histórias de suas experiências, sim. Mas principalmente compartilham suas forças e esperanças. Porque a esperança é o que o alcoólico que ainda sofre realmente deseja e precisa ouvir.

Os participantes nestas reuniões praticam a irmandade juntos e passam a mensagem como ela lhes foi passada. Seus números estão crescendo, tanto em forças como em tamanho. A taxa de recuperação deles está subindo e ultrapassando o nível muito além do alardeado pelos centros de tratamento e das próprias reuniões de A.A. convencionais ou “normais”.

O A.A. já existe a quase sessenta e três anos (na época deste artigo ser escrito). E no entanto, onde andam os membros mais antigos? Nós os vemos nas reuniões? Raramente são encontrados nas salas ou nas proximidades do A.A. Vez por outra, os ouvimos nas convenções e conferências, principalmente nos painéis dos “Veteranos”.

O que vai ser do A.A.? O que vai acontecer com os escritórios cujos espaços hoje enfrentam aluguéis caríssimos, livros caríssimos e produtos terapêuticos? O que dizer dos empregados de salário elevado e do profissionalismo em uma organização de que se dizia “permanecerá sempre não profissional”?

O que vai acontecer com a mensagem de recuperação que um bêbado leva a outro como um vocação, uma nova maneira de viver? O ganho monetário tornou-se um mal necessário? O egoísmo substituiu a auto-estima? Terá o desejo de ajudar o maior número de pessoas nivelado por baixo e diluído a mensagem para torná-la mais aceitável àqueles que pretendíamos “atrair”? Terá o A.A. passado a focalizar suas listas de presença como prova de crescimento, o que para alguns significa o mesmo que sucesso?

O preâmbulo de A.A. – lida em quase todas as reuniões – afirma:

*Alcoólicos Anônimos é uma Irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças uns com os outros, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.. Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.*

Este preâmbulo afirma aquilo que A.A. deveria ser. Mas o A.A. se distanciou do seu propósito primordial a guisa de “ajudar” o maior número de pessoas possível e praticamente esqueceu o *indivíduo* que ainda sofre.

Existem muitos grupos que se preocupam com e ajudam as necessidades dos adictos com narcóticos, cocaína, sexo e problemas de relacionamento, comedores compulsivos, bulímicos, jogadores patológicos, aqueles com desordens emocionais, familiares, agnósticos, ateus, pensadores racionais, homens, mulheres, gays e lésbicas, médicos, advogados, pilotos de aviação, músicos etc. etc.

O autor acredita que está se ouvindo um grito na imensidão por uma abordagem diferente. Uma abordagem que funcionou no passado para milhares e milhares de alcoólatras, bêbados, dipsomaníacos e inebriados.

Essa abordagem significava e significa, reuniões de *Alcoólicos Anônimos*; reuniões em irmandade **para** alcoólatras e **por(de)** alcoólicos; grupos de pessoas que se reúnem para lidar com a recuperação da doença do alcoolismo.

Clarence H. Snyder acreditava na premissa de que a recuperação do alcoolismo **pode** ser permanente, e que o propósito primordial de A.A. não era manter o alcoólico longe do primeiro gole, “um dia de cada vez”. Ele acreditava em um A.A. que era uma ponte de volta à vida para o alcoólatra, de modo que este pudesse voltar a **VIVER** “um dia de cada vez”.

Bill Wilson disse certa vez, em uma carta endereçada ao Clarence, datada de 9 de Novembro de 1955:

*Afinal de contas, o A.A. é uma espécie de jardim da infância – é algo pelo que temos que passar a caminho de uma nova maneira melhor de viver e ter uma serventia mais ampla.*

Bill continuou a reafirmar isto freqüentemente.

Tem sido a razão de ser deste livro (O Livro Azul) ajudar o leitor, tanto membro como não membro de Alcoólicos Anônimos, a compreender melhor como as pessoas podem “...caminhar para um novo modo de vida melhor e a ter uma serventia mais ampla.” O livro também foi escrito para o leitor em geral, não importa qual o seu problema, para proporcionar a ele a compreensão de um programa de recuperação que transforma a vida. Um programa que, pode ser usado para enfrentar todas as preocupações e aflições da vida, para a melhoria da humanidade (como um todo).

Espera-se que aqueles que leram este livro terão agora uma melhor compreensão do programa de A.A. de sua história, seu crescimento e de **COMO ELE FUNCIONAVA**.

Poderíamos dizer que a situação percebida nos EUA há vinte anos atrás é o que está acontecendo entre nós a um tempo mais ou menos parecido – será porque gostamos muito de “seguir o exemplo dos americanos” e nos esquecemos da quintessência do programa e seu propósito primordial?

Mas também poderíamos acrescentar que é comum entre nós, principalmente depois que juntamos todos os serviços que tratam de meios e maneiras de passar a mensagem adiante em um organismo que não funciona sozinho apesar de nos acomodarmos nessa idéia.

Nos grupos passamos a esperar que os “novos” nos chegassem de “paraquedas”, não porque fossemos abordá-los como nós mesmos fomos abordados, nem os apadrinhamos como nós o éramos. Pelo contrário, jogamo-los às “covas dos leões” compostas de companheiros ainda cheios de Ego que por terem um, dois ou três anos, e não terem nem lido a literatura nem posto em prática os Passos (especialmente o Passo Quatro), mas já “prestam serventia mais ampla”, já se acham donos da verdade.

Aqueles de nós que se tornaram “veteranos”, também estamos nos cansando e deixando “pra lá”, indiferentes ao fato de que pode representar em nosso próprio prejuízo. Não queremos “machucar” os que são novos falando das coisas que tivemos que fazer para aprender a não beber e a nos tornarmos melhores um dia de cada vez. Nem também queremos ter o trabalho de ir buscar o alcoólatra que ainda sofre, deixando por conta do CTO como se fosse uma máquina que funcione enfiando na tomada. Quantos de nós não estaríamos aqui se alguém não tivesse feito o sacrifício de vir nos abordar e depois de nos apadrinhar enquanto nos debatíamos entre o nosso Ego e a nossa doença?

Aqueles que participaram da Convenção de Cuiabá deste ano, repararam a proporção de “veteranos”, de novos, da qualidade das mensagens, analisaram que também entre nós, está na hora de nos perguntarmos: para onde vai esse A.A. que nos salvou porque nós precisávamos nos recuperar para sobreviver e voltar a viver e termos “serventia mais ampla”...

Muito grato Corky, muito grato Laerte que me enviou este trabalho, e todos aqueles que me abordaram e me apadrinharam. Espero ao menos fazer jus hoje de me considerar um membro convicto e comprometido de A.A., a Irmandade que salvou a minha vida.

Boris, 23 de Outubro de 2012 – Veterano com 32 anos de membro e 23 anos de sobriedade, depois de padecer por 33 anos do alcoolismo.